

Uma Versão Contemporânea Do Preconceito: O *Bullying* Pela Óptica Da Teoria Crítica

Deborah Christina Antunes, UFSCar

Antônio Álvaro Soares Zuin, UFSCar

deborahantunes@yahoo.com.br

Resumo:

A violência tem sido amplamente discutida nos tempos atuais. Dentro ou fora do ambiente acadêmico, e ajudado pela mídia, ela aparece como uma novidade contra a qual a sociedade precisa se impor. Um exemplo, que alias é o objeto sobre o qual se pretende realizar as análises aqui, é um tipo de violência cujo estudo, com esse rótulo, se iniciou nos anos 1970 na Noruega: *bullying*. O impacto que esse “novo” conceito tem trazido para o Brasil a partir no início deste século tem resultado no questionamento por seus determinantes e por soluções imediatas, e a maioria dos trabalhos brasileiros sobre o tema vai à direção do diagnóstico a partir da referência estrangeira. No entanto aquilo que parece uma novidade, quando analisado com alguma atenção, revela-se muito próximo do que outrora foi denominado preconceito pelos autores da Escola de Frankfurt. Preconceito que existindo em culturas pretensamente democráticas ou abertamente autoritárias, proporciona e é proporcionado pela barbárie cotidiana, além de estar na base do próprio nazismo. A partir dessa constatação inicial, o objetivo deste estudo, com base tanto nos trabalhos sobre o *bullying*, nacionais e internacionais, quanto no estudo do conceito constelacional frankfurtiano de preconceito, é analisar em que medida pode-se de fato considerar que ambos tratam do mesmo fenômeno, e, em que outra medida são conceitos epistemologicamente opostos, estando o primeiro a favor da ideologia, e o segundo, da emancipação. *Bullying* é conceituado como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorrem repetitivamente, sendo que um grupo ou alguém com mais força, vitimiza um outro que não consegue encontrar maneiras eficazes de se defender. Tais comportamentos são usualmente voltados para grupos com características físicas, sócio-econômicas, de etnia e orientação sexual, específicas, como ciganos, homossexuais, obesos e portadores de necessidades especiais. O *bullying* se divide em três tipos: diretos e físicos, que inclui agressões físicas, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorsão de dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens; direto e verbal, que inclui

insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro; e indireto, que inclui a exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega. Atualmente aparece também com uma outra forma que se chamada *cyberbullying*, que na verdade é a utilização da tecnologia da comunicação (celulares e internet, por exemplo) para sua realização. Já o preconceito, compreendido por meio da Teoria Crítica da Sociedade, é caracterizado como uma manifestação individual de hostilidade que corresponde às necessidades irracionais dos sujeitos e que surge no processo de socialização como uma consequência dos seus conflitos iminentes. Atualmente a lógica administrativa, que outrora era exclusiva das organizações produtoras de bens materiais, passou a servir como modelo para a constituição dos próprios sujeitos, que deve se adaptar de maneira irrestrita à sociedade administrada. A realização dessa adaptação na sociedade contemporânea ocorre mediante o consumo, em grande medida na forma de adesão imediata e irrefletida, dos produtos da indústria cultural como o cinema, televisão, revistas, jornais, rádio, televisão, literatura de best-seller, por exemplo. De tudo isso emana estereótipos que agredem e violentam os homens, uma vez que todos os ramos que englobam a indústria cultural estão, em conjunto, subordinados a uma direção orgânica que converteu o todo num sistema coeso com a finalidade de controle social, do qual nenhuma fuga é tolerada, ou mesmo possível. Esses bens culturais são elaborados de modo a parecerem perfeitamente ajustados àqueles aos quais se destinam, no entanto, consistem mais em um conjunto de comportamentos-modelo adequados à hegemonia das condições sociais vigentes, do que em características próprias dos sujeitos em processo de individuação, autonomia e emancipação. Essa adaptação e ajustamento condizem com o que foi chamado pelos frankfurtianos de *Ticket-Denken* (pensamento de ticket). Trata-se da mecanização e da padronização dos próprios indivíduos que precisam se adaptar e enfrentar as exigências do mundo mecanizado e burocratizado, uma utilização de estereótipos e juízos de valor estabelecidos antecipadamente que torna o pensar desnecessário e não produtivo. O problema é que quando as pessoas aceitam o ticket que contém um estereótipo em relação às pessoas e aos comportamentos, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais a experiência de cada um com os outros não têm a menor importância. No entanto, a adoção do ticket não garante uma equivalência entre aquilo que os próprios indivíduos são e os imperativos sociais propagados por meio dos estereótipos, e o que ocorre, ao contrário,

é uma reconciliação forçada, e por isso angustiante, uma vez que não realizada. Essa angústia, caracterizada também por medo e incertezas constantes, converte-se em agressividade para com o outro que passa a ser visto como um “inimigo imaginário”. Um ressentimento desencadeado contra aquele que, desamparado, chama a atenção por parecer diferente das regras culturais adotadas e por isso mesmo um Indivíduo, já que parece manter a tensão entre ele e a sociedade. A primeira vista, um aspecto que parece aproximar as duas áreas de estudo são justamente aqueles trabalhos que se focam sobre os grupos alvos de *bullying*, encontrados apenas em âmbito internacional. Aquelas pessoas, chamadas “vítimas”, e seu pertencimento a determinados grupos com caracterizações específicas denunciam uma proximidade entre *bullying* e o preconceito como considerado pela Teoria Crítica. Já a tipologia referente aos comportamentos agressivos em físicos, verbais, indiretos e exclusão social, baseada na pura observação sistemática, parece se aproximar, em âmbito individual, da ação de mecanismos de defesa, como a falsa projeção, a racionalização e a transformação da angústia em agressão, típicos do preconceito. Também a definição de preconceito pode ser comparada com a definição de *bullying* encontrada, que diz que o *bullying* é um desejo inconsciente, sem motivação evidente, e deliberado de maltratar uma outra pessoa e resulta em um conjunto de comportamentos agressivos que se tornam intrínsecos às relações interpessoais em que indivíduos mais fortes se divertem à custa de indivíduos mais fracos. Em ambos os casos existem a referência à hostilidade/agressão, e à relação de poder em que a vítima é considerada “socialmente” mais fraca. Apesar das aparentes proximidades entre *bullying* e preconceito, o estudo desses mesmos conceitos evidenciaram uma outra face de ambos que pode os distinguir. Na medida em que os estudos do *bullying* ocorrem com base apenas em dados estatísticos e no diagnóstico de sua ocorrência, as intervenções são baseadas em modelos de uma educação pré-determinada, sua assimilação é fácil e sua divulgação pelos meios de comunicação de massa é ampla, e a inquestionável necessidade de intervenção ocorre via imperativos morais, pode-se perguntar se tal conceito não faria parte de uma ciência instrumentalizada e a serviço da adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual. Mostra-se importante que se questione a finalidade do conceito criado pelos pesquisadores da área e adotado inteiramente por alguns colegas brasileiros, e até que ponto a classificação possibilitada pela adoção desta tipologia da violência não mascara os processos sociais inerentes aos comportamentos classificados como *bullying*, ou mesmo admitindo a existência de tais processos, como os trata como

naturais. O conceito de *bullying* parece exercer um papel de adaptação, ao classificar a barbárie, pretensamente controlá-la por essa via. Pretende colocar “tudo em seu lugar”, tenta arrumar e justificar aquilo que fere a ideologia democrática, e acaba por mascarar as tensões e contradições que estão na base da própria barbárie. A redução da realidade a termos operacionais, como faz o “*bullying*”, é justamente uma das condições que levam um pensamento a se submeter à ideologia. O conhecimento que pretende se aproximar da realidade, caso se utilize das classificações rígidas de uma ciência instrumentalizada, por mais crítico que pretenda ser, será também instrumentalizado por seu próprio objeto, uma vez que ele foi reificado, formalizado. Assim, embora ambos os conceitos pareçam tratar de um mesmo fenômeno, sua distinção está no fato de que, tomá-lo como preconceito é o papel de uma ciência que busca ir à raiz daquilo que parece algo superficial, e assim combater o sofrimento, enquanto o *bullying*, ao permanecer na superfície, parece combater o próprio sofredor.

Eixo do XIV Encontro: Outros

Texto Completo

O conceito de *bullying*

O nome e o conceito “*bullying*” foram adotados da tradição Européia e cunhados pelo norueguês Dan Owleus. As pesquisas se iniciaram na Escandinávia e posteriormente no Japão, no Reino Unido e na Irlanda, e atualmente ocorrem quase em todos os países (SMITH, 2002), inclusive o Brasil. Smith (2002) define o *bullying* como um subconjunto de comportamentos agressivos caracterizado por sua natureza repetitiva e pelo desequilíbrio de poder. Uma mesma pessoa é alvo da agressão por diversas vezes e não consegue se defender de maneira eficaz para conseguir cessá-las. O desequilíbrio de poder é assinalado como as diferenças de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e maior apoio de colegas (FANTE, 2002).

Os comportamentos incluídos sob o rótulo de *bullying* são divididos em físicos, verbais, exclusão social, e indiretos (SMITH, 2002), pois envolvem agressões físicas, roubar ou estragar objetos, extorquir dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, insultar, apelidar, “tirar sarro”, fazer comentários

racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro, exclusão sistemática de uma pessoa, realização de fofocas e boatos, ameaça de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do outro (MARTINS, 2005).

Algumas pesquisas sobre citam teorias a respeito de quais seriam suas causas. Apresentando diversas determinações, de acordo com cada autor, uma ou outra é enfatizada. Elas se estendem de fatores referentes aos indivíduos (relativas ao inatismo da agressividade ou à aprendizagem de comportamentos agressivos), à sociedade desigual, aos programas de televisão, à família e à escola. Pesquisas voltadas especificamente para o estudo daqueles que exercem o papel de agressor não foram encontradas. Os trabalhos sobre *bullying* adotam na maioria dos casos teorias psicológicas sobre a agressividade para explicar tais comportamentos, como por exemplo, a modelagem de comportamentos violentos defendida por Pereira (2002) ou uma visão psicanalítica dos instintos que outorga à agressividade o status de natural, defendida por Fante (2005). Mesmo as variáveis sociais e culturais, embora citadas, não aparecem problematizadas nos artigos encontrados.

Na literatura internacional foram encontradas algumas pesquisas a respeito de grupos de pessoas que são os alvos da violência apresentada aqui. São eles alunos obesos (GRIFFITHS, WOLKE, PAGE, HORWOOD & ALSPAC, 2005; SJÖBERG, NILSSON & LEPPERT, 2005) e acima do peso (JANSSEN, CRAIG, BOYCE & PICKETT, 2004), os de baixa estatura (STEIN, FRASIER & STABLER, 2004), estrangeiros, nômades, artistas de circo e ciganos (LLOYD & STEAD, 1998; LLOYD & STEAD, 2001), e os homossexuais e filhos de homossexuais (CLARKE, KITZINGER & POTTER, 2004; RAY & GREGORY, 2001; HOLMES & CAHILL, 2003). Há também pesquisas que afirmam que pessoas com necessidades educativas especiais pertencem ao grupo-alvo (Pereira, 2002).

Considerações sobre o conceito de preconceito

O preconceito foi estudado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, na época do nazismo, em busca de compreender a presença da dominação social na vida psicológica. Ele é compreendido por meio da Teoria Crítica da Sociedade, como uma manifestação

individual de hostilidade que corresponde às necessidades irracionais dos sujeitos e que surge no processo de socialização como uma consequência dos seus conflitos imanentes (CROCHÍK, 2006).

De acordo com Adorno & Horkheimer (1985) a lógica administrativa, que outrora era exclusiva das organizações produtoras de bens materiais, passou a servir como modelo para a constituição dos próprios sujeitos, que deve se adaptar de maneira irrestrita à sociedade administrada. A realização dessa adaptação na sociedade contemporânea ocorre mediante o consumo, em grande medida na forma de adesão imediata e irrefletida, dos produtos da indústria cultural como cinema, televisão, revistas, jornais, rádio, televisão, literatura de best-seller, por exemplo. De tudo isso emana estereótipos que agredem e violentam os homens, uma vez que todos os ramos que englobam a indústria cultural estão, em conjunto, subordinados a uma direção orgânica que converteu o todo num sistema coeso com a finalidade de controle social, do qual nenhuma fuga é tolerada, ou mesmo possível. Tais bens culturais são elaborados de modo a parecerem perfeitamente ajustados àqueles aos quais se destinam, no entanto, consistem mais em um conjunto de comportamentos-modelo adequados à hegemonia das condições sociais vigentes, do que em características próprias dos sujeitos em processo de individuação, autonomia e emancipação.

Essa adaptação condiz com o que foi chamado por Adorno & Horkheimer (1985) de *Ticket-Denken* (pensamento de ticket). Trata-se da mecanização e da padronização dos indivíduos que precisam se adaptar e enfrentar as exigências do mundo mecanizado e burocratizado, uma utilização de estereótipos e juízos de valor estabelecidos antecipadamente que torna o pensar desnecessário e não produtivo. O problema é que quando as pessoas aceitam o ticket que contém um estereótipo em relação às pessoas e aos comportamentos, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais a experiência de cada um com os outros não têm a menor importância.

No entanto, a adoção do ticket não garante a equivalência entre aquilo que os próprios indivíduos são e os imperativos sociais propagados por meio dos estereótipos, e o que ocorre, ao contrário, é uma não conciliação angustiante. Essa angústia, caracterizada também por medo e incertezas constantes, converte-se em agressividade para com o outro que passa a ser visto como “inimigo imaginário” (ADORNO et al, 1969). Um ressentimento desencadeado contra aquele que, desamparado, chama a atenção por parecer diferente das regras culturais adotadas e por isso mesmo um

Indivíduo, já que parece manter a tensão entre ele e a sociedade (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

No que diz respeito propriamente à dinâmica psíquica dos indivíduos Jahoda & Ackerman (1969) explicitam os mecanismos de defesa que agem nos sujeitos para os quais o preconceito é também uma defesa psíquica, deixando claro que se deve entendê-lo como fenômeno ao mesmo tempo social e psicológico, e qualquer explicação que busque as causas determinantes em um só plano deixando de lado o outro será insuficiente. Esses mecanismos são: projeção, negação, transformação da angústia em agressão, racionalização, fuga, oposição, deslocamento, formação reativa e compensação, e segundo esses autores há na maioria dos casos uma interação entre eles.

Tais mecanismos de defesa são expressões no indivíduo e requerem o entendimento da organização total da sociedade. O preconceito que em muitos casos parece ser algo apenas potencial pode vir a ser manifesto, e a resposta para isso não se encontra em uma personalidade particular, nem em fatores da personalidade que podem ser encontrados nas massas de pessoas, mas nos processos que ocorrem na própria sociedade. Se o pensamento antidemocrático é dominante depende em primeiro lugar da maioria dos interesses econômicos, e de se eles, conscientemente ou não, fazem uso daquele para manter seu *status* dominante. Apesar disso, as pessoas nem sempre se comportam em função de seus interesses materiais, mesmo quando pensam ter claro quais são eles. Muitas vezes a identificação com um grupo maior torna-se mais importante por conta da necessidade de obter um suporte grupal. Pessoas de um mesmo grupo sócio-econômico podem pensar de formas diferentes, enquanto outras de grupos distintos podem ter idéias similares. Essa participação em determinados grupos sociais pode alterar a receptividade ideológica do indivíduo (ADORNO et al, 1969). Segundo Adorno et al (1969) por questões históricas e sociológicas esses grupos (ocupacionais, fraternais, religiosos etc.) favorecem e pregam de modo desvelado ou não, diferentes padrões de idéias. Assim, por necessidade de pertencimento e de acreditar e seguir essas regras, por imitação ou condicionamento, os sujeitos tomam para si as opiniões, atitudes e valores característicos dos grupos dos quais são membros ou pretendem sê-lo.

Para Adorno et al (1969) a hostilidade, amplamente inconsciente, resulta da frustração e repressão que acabou por desviar seu objeto original e verdadeiro, necessitando assim de um substituto por meio do qual tenta obter um aspecto realístico e fazer justiça à sua frustração. De acordo com os mesmos autores manifestações mais

radicais de violência resultantes desse bloqueio da relação com a realidade podem levar à psicose, e aqui está também uma teoria da sociedade moderna que transformou o mundo em algo “gelado, alienado e amplamente incompreensível (ADORNO et al, 1969, p. 608)”, restando a estereotipia como um modo de orientação e postura.

O preconceito tem uma significância social dentro da lógica intrínseca aos princípios de países democráticos. Esta lógica é mediada pelo conflito entre a experiência real pregada pela democracia, e a estereotipia presente no clima cultural que, sedimentado nos sujeitos torna-se mais forte do que a própria consciência ou mesmo os valores democráticos oficiais. A experiência é substituída pela estereotipia congelada, pré-determinada, não obstante, em muitos casos, mesmo por conta dos valores oficiais estes mesmos comportamentos são considerados como mal-ajustamento.

Aproximações entre *bullying* e preconceito

Diversos aspectos da definição de *bullying* parecem aproximá-lo do conceito de preconceito aqui utilizado. Porém, é interessante observar a semelhança entre os considerados vítimas de *bullying*, e de preconceito. Sabe-se que as vítimas das perseguições nazistas não eram apenas os judeus e seus descendentes, mas também outras minorias como os ciganos e os homossexuais, além daqueles que possuíam “defeitos físicos”, seguindo-se aí as regras da eugenia. Aquelas pessoas, chamadas “vítimas”, e seu pertencimento a determinados grupos com caracterizações específicas denunciam uma proximidade entre *bullying* e o preconceito como considerado pela Teoria Crítica.

Dois trabalhos falam sobre o *bullying* voltado contra determinados grupos étnicos. Lloyd & Stead, (1998) e Lloyd & Stead (2001) deixam claro que na Escócia existe um contexto histórico e cultural do preconceito relacionado aos grupos nômades, incluindo os ciganos. Embora não se possa conhecer aqui qual seria o papel dos grupos nômades, e dos ciganos em específico, no contexto escocês e no Reino Unido como um todo se pode arriscar dizer que eles representam a antítese daquela cultura específica, como a de toda sociedade que é baseada numa economia capitalista, uma vez que desafiam a ideologia de que a felicidade está ligada ao consumo de bens materiais e

culturais que são apenas acessíveis àqueles que se dedicam arduamente ao trabalho alienado.

Os homossexuais também aparecem nas pesquisas sobre o *bullying* como aqueles que são frequentemente vítimas desta violência (POTEAT & ESPELAGE, 2005; CLARKE, KITZINGER & POTTER, 2004; RAY & GREGORY, 2001). Mas o que em específico poder-se-ia encontrar nesse grupo de pessoas, que não se caracteriza de fato por uma minoria étnica, mas que traz incômodo aos outros sujeitos?

De acordo com Marx toda categoria econômica pressupõe “uma população que produz em determinadas condições e também certo tipo de famílias, de comunidades ou Estados (MARX, 1980, p.63)”. Na constituição do capitalismo moderno o ideal de família burguesa obtém um papel fundamental. Para estar disposto a uma jornada de trabalho o cidadão não poderia se dar ao luxo de freqüentar, durante o período de não-trabalho, tabernas, bebendo e divertindo-se. De acordo com Marx & Engles (1998) a “vagabundagem” tornou-se um problema na decomposição do feudalismo e composição da manufatura. Ajudados pela moral cristã, os capitalistas propagaram a família como um valor essencial. Isso lhes garantia pessoas que voltavam para casa no final da jornada de trabalho, não se rendiam à luxúria, mas reprimiam seus desejos. Os homossexuais passam a estar à margem por não constituírem família no ideal burguês, e ao mesmo tempo representem a antítese daquele valor propagado pela cultura.

Ao mesmo tempo, a pesquisa de Poteat & Espelage (2005) cujos resultados demonstram que a maioria dos apelidos nos Estados Unidos é de natureza homofóbica, não são voltados apenas para homossexuais, mas também para heterossexuais, e ocorre como uma forma de policiamento do comportamento entre os jovens, denota a persistência desse ideal de relacionamento amoroso e de repressão dos desejos ainda na atualidade, e que apenas parece ter perdido o vínculo com o processo histórico que proporcionou sua existência.

Outros valores da cultura foram encontrados como a base dos apelidos e das agressões. Em especial os padrões estéticos dos quais a obesidade (GRIFFITHS, WOLKE, PAGE, HORWOOD & ALSPAC, 2005; SJÖBERG, NILSSON & LEPPERT, 2005) e a baixa estatura (STEIN, FRASIER & STABLER, 2004) são a antítese. Os estereótipos ligados aos obesos, segundo Janssen, Craig, Boyce & Pickett (2004), revelam crenças negativas considerando-os como indivíduos que gozam, tiram sarro,

brigam, são egoístas e inferiores. Tais indivíduos diferem dos ideais de beleza propagados pelos produtos da indústria cultural, vide as revistas de beleza e os artistas de cinema que remetem o sucesso na vida à aparência estética. No entanto, os autores da pesquisa consideram que a vitimização de crianças, pré-adolescentes e adolescentes obesos ocorre porque eles desviam de ideais de aparência, e não porque tais ideais existem e são uma ilusão. Não estaria aquelas crenças sobre os obesos próximas da racionalização (com argumentos irracionais) e da ilusão paranóica ligadas à projeção, considerada por Adorno et al (1969) e por Jahoda & Ackerman (1969) uma das manifestações do preconceito?

Estas pessoas, que são tanto alvos de *bullying*, quanto objetos de preconceito, quando não distanciadas de sua sociedade e cultura, revelam sobre que bases materiais ambos ocorrem. Estas bases ligam-se, como considerado por Adorno et al (1969), ao desenvolvimento econômico, social, cultural, e conseqüentes ideais e padrões de beleza e comportamento. Os estereótipos, a generalização e as racionalizações possibilitam que se defina tais pessoas e grupos de pessoas em termos de características que se harmonizam com as tendências psíquicas daquele que manifesta o preconceito, tendências criadas socialmente por meio da constante adaptação que se impõe aos sujeitos nas sociedades capitalistas.

Outras aproximações poderiam ser realizadas aqui, como a semelhança entre os comportamentos considerados *bullying* e os mecanismos de defesa descritos por Jahoda & Ackerman (1969) e que compõe o quadro de preconceito, ou mesmo o próprio conceito de preconceito explicitado por Crochík (2006) e o de *bullying* utilizado por Fante (2005) e por Smith (2002). Porém por questões de espaço e tempo, não serão explicitadas nesse momento.

Reflexões sobre as diferenças entre *bullying* e preconceito

A hipótese inicial desse trabalho é que *bullying* e preconceito tratam do mesmo fenômeno, ou pelo menos de fenômenos que de algum modo estão relacionados. Procurou-se aqui indicar essa relação conceitualmente. No entanto essa hipótese se torna ingênua caso, baseando-se filosófica e epistemologicamente, puder se compreender que se trata de conceitos fundamental e radicalmente distintos. Enquanto o

bullying pertence a uma teoria tradicional, como denominou Horkheimer (1983), o conceito de preconceito aqui faz parte da dialética da Teoria Crítica.

Mas se isso num primeiro momento parece colocar por terra a validade, ou a lógica dessa pesquisa, num segundo aponta para uma reflexão que se mostra necessária hoje, aquela que demonstra a irracionalidade da ciência atual que, olhando para a superfície, não apreende de fato a realidade. Se ambos os conceitos tratam de fato do mesmo fenômeno, por meio de qual deles deve-se fazer ciência? De uma leitura superficial dos fenômenos puramente observáveis, ou buscando as interdependências entre suas raízes sociais e individuais? E ainda, se o caminho escolhido para a produção de conhecimento é também relacionado à idéia sobre sociedade e o papel daquele com relação e esta, qual o compromisso que a ciência tem com a humanidade?

Para não reduzir um conceito ao outro e perder-se nos labirintos da ideologia, é importante realizar essa reflexão. Embora os conceitos pareçam tratar dos mesmos fatos reais, há uma diferença radical em considerá-lo *bullying*, ou preconceito. A opção aqui é pelo conceito frankfurtiano.

Referências

ADORNO, T.W. et al. *The authoritarian personality*. New York: WW Norton, 1969.

_____; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CLARKE, V.; KITZINGER, C.; POTTER, J. Kids are just cruel anyway: lesbian and gay parents talk about homophobic bullying. In: *British journal of social psychology*, n. 43, p. 531-550, 2004. Disponível em: www.bps.org.uk. Acessado em 22 de junho de 2006.

CROCHÍK, J.L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DORNELES, D. S.; GRIGOLETTI, M. S.; CANFIELD, M. S. Agressividade escolar. In: *Kinesis*, Santa Maria - RS, v. 18, p. 51-75, 1997.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª ed. Campinas: Versus, 2005.

FIGUEIRA, I. S. ; FERREIRA NETO, C. A. *Bullying - o problema de abuso de poder e vitimização de alunos*. In: I Congresso latino americano sobre educação inclusiva, 2001, João Pessoa. I Congresso latino americano sobre educação inclusiva. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.

GRIFFITHS, L.J.; WOLKE, D.; PAGE, A.S.; HORWOOD, J.P.; ALSPAC STUDY TEAM. Obesity and bullying: different effects for boys and girls. In: *Arch. Dis. Child*, n. 91, p. 121-125, 2005. Disponível em: www.archdischild.com. Acessado em 22 de junho de 2006.

HOLMES, S.E.; CAHILL, S. School experiences of gay, lesbian, bisexual and transgender youth. In: *Journal of gay & lesbian issues in education*, v. 1, n. 3, 2003. Disponível em <http://www.haworthpress.com>. Acessado em 22 de fevereiro de 2007.

HORKHEIMER, M.. Teoria tradicional e teoria crítica. In: Benjamin, W.; Horkheimer, M.; Adorno, T.W.; Habermas, J. *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.125-162.

JAHODA, M.; ACKERMAN, N. W. *Distúrbios emocionais e anti-semitismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

JANSSEN, I.; CRAIG, W.M.; BOYCE, W.F.; PICKETT, W. Associations between overweight and obesity with bullying behaviors in school-aged children. In: *Pediatrics*, v. 113, n. 5, p. 1187-1194, maio de 2004. Disponível em: www.pediatrics.org. Acessado em 22 de junho de 2006.

LLOYD, G.; STEAD, J. From difference to deviance: the exclusion of gypsy-traveller children from school in Scotland. In: *International journal of inclusive education*, v. 2, n. 4, 359-369, 1998. Disponível em: <http://www.scottishtraveller.net>. Acessado em 22 de fevereiro de 2007.

MARTINS, M.J.D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. In: *Revista portuguesa de educação*, Braga, Portugal, v. 18, n. 01, p. 93-115, 2005.

MARX, K. Condições históricas da reprodução social. In: Octavio Ianni (Org.). *Marx: Sociologia*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1980.

_____. ; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDEIROS, C.M.B. *Agressões em uma escola de ensino fundamental: visão dos alunos, professores e funcionários*. Dissertação de mestrado. UFSCar, São Carlos, 2006.

MIRANDA, M.I.F. *Violências nas escolas sob o olhar da saúde: das indisciplinas e incivildades às morbimortalidades por causas externas*. Tese de doutorado. USP, Ribeirão Preto. 2004.

PEREIRA, B.O. *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto/ Pt: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PINHEIRO, F.M.F. *Violência intrafamiliar e envolvimento em bullying no ensino fundamental*. Dissertação de mestrado. UFSCar, São Carlos. 2006.

RAY, V; GREGORY, R. School experiences of the children of lesbian and gay parents. In: *Family matters* – Australian institute of family studies, n. 59, p. 28-34, 2001. Disponível em www.eric.ed.gov. Acessado em 22 de junho de 2006.

SJÖBERG, R.L.; NILSSON, K.W.; LEPPERT, J. Obesity, shame and depression in school-aged children: a population-based study. In: *Pediatrics*, v. 116, n. 3, p. 389-392, setembro de 2005. Disponível em www.pediatrics.org, acessado em 22 de junho de 2006.

SMITH, P.K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: Debarbieux, E. & Blaya, C. (Orgs.) *Violência nas escolas e políticas públicas*, p. 187-205. Brasília: UNESCO, 2002.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. In: *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan/jun. 2001.

STEIN, M.T.; FRASIER, S.D.; STABLER, B. Parent requests growth hormone for child with idiopathic short stature. In: *Pediatrics*, v. 114, n. 5, novembro de 2004. Disponível em www.pediatrics.org, acessado em 22 de junho de 2006.